

Tereza Aragão Serra, uma lenda quase esquecida em Tauá

Por JB Serra e Gurgel (*)

A população atual de Tauá não sabe quem foi Tereza Aragão Serra, a Tetê, minha avó nome de escola no bairro da Aldeota, nas terras de seu cunhado, Capitão da Guarda Nacional Mariano Marques de Oliveira e depois de seu sobrinho José Aragão. Pobre, mas alfabetizada, simples, austera, humilde, ali morou 54 anos, mais da metade de sua vida longa de 98 anos (1881-1979) vividos com amor, alegria, desprendimento, humildade, discrição, sem vaidades. “Fui a mais pobre de minhas irmãs, mas certamente a mais feliz”, dizia. Repousa em paz em Tauá ao lado de meu avô, Nelson.

A roda da história é implacável e nada sobra. A memória coletiva não dura duas gerações. Depois vira história e matéria de pesquisa. De qualquer forma, a escola é uma baita homenagem para quem dedicou sua vida à leitura, ao teatro, escrevendo e montando peças, à música, compondo modinhas e tocando piano desde os nove anos à poesia, rabiscando sonetos, aos saraus literários, bem como às festividades religiosas, batizados, casamentos, populares, folclóricas e às campanhas eleitorais de Tauá.

Vovó Tereza fez da vida um exemplo de alegria. Antecipou-se à figura do animador cultural, espalhando alegria, enlevo, encanto, diversão, contentamento não só em Tauá, mas em Acopiara e Fortaleza. Meu pai foi ator de suas peças minhas irmãs e primos foram rotagonistas e figurantes, intérpretes de suas modinhas em dramas e operetas.

Escrevia, dirigia, ensaiava, confeccionava figurinos, Cuidava da decoração, iluminação e exigia uma quase perfeição no desempenho para que se produzisse emoções e lágrimas.

Sempre quis escrever sobre ela, nascida em Baturité, em 3 março de 1881, filha de Licínio Aragão e Francisca Rosa Marques de Oliveira. Nos apontamentos que deixou, com seu filho Olber e com meu irmão, Nelson, contava ela que os Aragão chegaram a Jaguaribe, Icó e Iguatu, de ascendência espanhola. Já não sabia a origem dos Alexandrino Teixeira, que estiveram no mesmo território. Dos Serra, resgatou o que pode desde o 1º. Vicente Nunes Serra que veio de Lisboa para o Recife, no século XVIII. Um dos Alexandrino, Belisário Cícero, foi prefeito de Telha, hoje Iguatu e governador da Província, depois de Noueira Aciolly. Outro, João André, pintou e bordou em Icó. Licínio e Francisca Rita tiveram filhas: Tereza, Maria (Maroca), Emilia (Melica), Luzia e Maria de Lourdes.

Indo a Jaguaribe,- berço dos Serra e dos Marques – três irmãos casaram-se com três irmãos. Vovó casou-se com meu avô, Nelson Nunes Serra, seu primo, em 1911, indo morar em Tauá em 1915.

Vovô Nelson trabalhou IFOCS (depois DNOCS) na construção do açude Banabuiú, levado por seu primo Geraldo Marques, de Acopiara. Não sei se participou da construção do açude Várzea do Boi, em Tauá, onde foi escrivão de rendas da Coletoria até sua morte, em 1946, indicado por seu primo, Joel Marques.

Tetê rascunhou a história dos Marques e dos Serra, em Jaguaribe, com muita precisão, montando os grandes ramos da árvore genealógica, mas incompleta. Sobre o seu passado, por Baturité, Quixadá e Tauá deixou boa matéria de memória.

Quando criança fui a Tauá para sua casa e estive na Floresta, sitio de tia Maroca, casada com o capitão da Guarda Nacional José Mariano.

Por volta de 1956 ela se mudou de mala e cuia para Acopiara, indo morar com conosco com quem ficou por 23 anos. Éramos sete filhos e papai lutava com dificuldades para sobreviver. Mais tarde, chegamos aos 10. Vovó era pensionista do meu avô, seus filhos Walter morava em

Fortaleza, Licínio em Tauá e Carmelinda em São Paulo. Depois nos acompanhou em Fortaleza morando conosco onde o dinheiro dava para o aluguel nas Ruas João Tomé, (Monte Castelo), José Bastos (Otavio Bonfim), Barão da Ibiapaba (Parque Araxá) e José de Pontes Medeiros (Monte Castelo), acomodando-se num dos quartos com minhas irmãs .

Convivi com ela apenas por cinco anos, de 1958 a 1963, o bastante para entender sua dimensão humana, sua ética, seu caráter, sua religiosidade, sua simplicidade, sua austeridade, seu exemplo, sua paixão pela novela via rádio, sua imposição de rezarmos o terço e de irmos à missa aos domingos, sua afeição pelo Chico, meu irmão, sua dedicação a minha mãe, Maria, seu respeito ao meu pai, Nertan. Passava horas conversando com tio Walter que visitava aos sábados em suas lustrosas motos. Ficavam à sós desfiando o tempo. Suas sobrinhas “ricas”, filhas de tia Luzia Moreira, lá iam bater papo, tomar café com bolachas, e lhe deixavam sabonetes. Vez por outra seu sobrinho, padre Luiz Moreira, aparecia. Nunca vi os demais Moreira que tinham luz própria no “grand monde” de Fortaleza, como bem sucedidos empresários. Ao anoitecer, sentava-se nua cadeira de balanço na porta de nossa casa.

Entre uma reza e outra, escrachava as mulheres que para ela se vestiam de modo provocativo e sensual. Quando gritava, Maria venha ver...já tinha despejado uma saraivada de descompostura em voz baixa. Ainda bem.

Não acompanhei de perto o sofrimento dos últimos que foram dolorosos, principalmente pela cegueira.

Homenageio minha Vó pelo legado de sua vida com dignidade, sem invejas e Conformada.

(*) JB Serra e Gurgel (Acopiara), jornalista e escritor. Neto de Tereza Aragão Serra.